

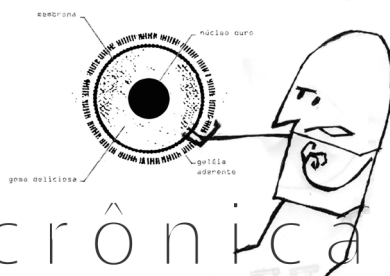
escolhedores de sagu



crônicas

Marco Aurélio Barbiero

escolhedores de sagu



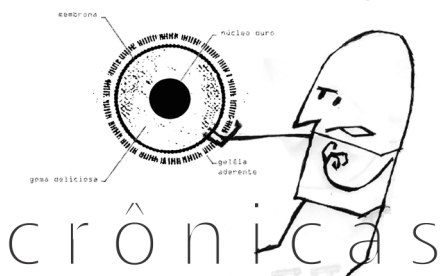
crônicas

Marco Aurélio Barbiero



Edição
Fac-similar

escolhedores de sagu



crônicas

Passo Fundo

2011

méritos
editora

2011 - Versão livro em papel
2023 - Versão fac-similar em ebook/PDF

© Livraria e Editora Méritos Ltda.
Rua do Retiro, 846
Passo Fundo - RS
CEP 99074-260
Página na internet: www.meritos.com.br
E-mail: sac@meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Jenifer B. Hahn
Auxiliar de provas

Léo Hélio Dellazzari
Revisor de português

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.
Partes deste livro podem ser reproduzidas desde que citados o título da obra, o autor, a editora e os demais elementos de referência bibliográfica, conforme as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B236c Escolhedores de sagu : crônicas / Marco Aurélio Barbiero.
– Passo Fundo: Méritos, 2011.
102 p.

ISBN 978-85-89769-83-9

1. Literatura brasileira - crônica 2. Crônica – Brasil
I. Barbiero, Marco Aurélio II. Título

CDU 82-94

Ficha catalográfica elaborada por Rafael Antunes dos Santos CRB10/1898

Impresso no Brasil

*Para Cinarinha, Pedro e Laura
e para meus pais, Ivo e Soeli.*

PREFÁCIO

Marco Aurélio Barbiero se confessa um servidor público resignado e diz que o livro que agora está lançando é mais uma tentativa de encontrar o seu “talento escondido”. Servidores talentosos não são raros nas repartições públicas. Quantas linhas não terão escrito, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade (Ministério da Educação), Graciliano Ramos (Imprensa Oficial), Guimarães Rosa e Vinícius de Moraes (Relações Exteriores), cercados por considerandos e minutas, juntadas e despachos, arquivos e certidões? Alguns contribuintes podem até torcer o nariz, mas os leitores agradecem.

Conheço alguns dos textos do Marco. Eles costumavam chegar ao meu correio eletrônico com alguma periodicida-

de, mas, de repente, sem explicação, deixaram de chegar. Suponho agora que ele tenha decidido mantê-los inéditos para divulgá-los neste volume. Naquela época, já me chamava a atenção, não apenas a sua capacidade de inventar histórias a partir de situações corriqueiras, como a fila do *buffet* ou uma ida ao supermercado, mas também o olhar crítico e mordaz com que retrata o nosso cotidiano, nosso modo de vida, nossas inquietações. E tudo isso sem perder o humor, assim como quem reconhece o valor de saber rir de si próprio, do ridículo que (nem sempre) se esconde em cada um de nós. Mesmo nos textos de tom mais confessional, ele consegue extrair das impressões e/ou situações particulares reflexões que servem a todos. Acabamos nos reconhecendo nos personagens que inventa, assim como nos parece familiar o universo onde tudo acontece.

Alguns de seus textos – “Escolhedores de sagu”, por exemplo – trazem *flashes* do cotidiano, como convém a uma crônica, enquanto outros apresentam enredos mais elaborados, constituindo-se em contos, como é o caso de “A farsa da Rua do Arvoredo”. Mas o fato é que as narrativas de ambos os gêneros abordam, basicamente, as (nossas) crises. Com muita perspicácia, o autor nos faz pensar sobre os contra-sensos das dietas e academias; a incompatibilidade de gênios e as inseguranças da meia-idade; a questão da incommunicabilidade num mundo repleto de redes sociais. Sem dó nem piedade, desmascara a lógica absurda dos economistas e burocratas. Encontra até uma utilidade prática para toda a matemática que (não) aprendeu na escola. Teoriza sobre a vaidade, a arrogância e o conceito católico de inferno. Quase romântico, sente inveja dos amores das tardes preguiçosas.

Esse é o Marco que, depois de matar o seu leão por dia na repartição, ainda encontra tempo não só para escrever, como para correr a pé pelas calçadas da cidade e para apreciar a música de Nei Lisboa. É esse sujeito, sensível e inteligente, terno e provocador, que, a bem do serviço público, nos presenteia agora com este seu primeiro livro.

Raul Boeira

*Analista tributário da RFB,
bacharel em Direito e compositor*

SUMÁRIO

9.....	<i>Prefácio</i>
15.....	<i>Mein Buch</i>
21.....	<i>A farsa da Rua do Arvoredo</i>
29.....	<i>Sonhos e beijinhos</i>
35.....	<i>Duda e Pe</i>
39.....	<i>Autocorreção da economia e a Teoria de Kuduns</i>
43.....	<i>Ata nº 01/2009 do CluFuPAPF</i>
47.....	<i>Escolhedores de sagu</i>

53.....	<i>O ‘valeroso funcionário Carlos Parreira Videira Neto’ e o seu plano genial</i>
61.....	<i>RPM - A saga</i>
65.....	<i>Infêrnos</i>
67.....	<i>AMAMUAM</i>
75.....	<i>As indecisões de Carlos Mangabeira</i>
79.....	<i>Vasectomia</i>
83.....	<i>Reconciliações</i>
89.....	<i>Matemática Aplicada I</i>
95.....	<i>Curtas e grossas</i>
95.....	<i>Paradigmas</i>
96.....	<i>Pecados</i>
97.....	<i>Arrogância</i>
98.....	<i>Vespertinos</i>
99.....	<i>Crise de meia idade - fase 1</i>

MEIN BUCH¹

Nunca me achei um cara vaidoso, mas não tenho como esconder que este livro é um ato de pura vaidade. Não tenho nada de importante a dizer e o poder da minha opinião não vai além de alguns metros da minha mesa de trabalho e a alguns centímetros da minha mesa de refeições. Dessa forma, pouco proveito tem um livro escrito por mim. Mesmo assim resolvi escrever porque esse era meu sonho de criança. Na verdade, meu sonho era ser escritor ou piloto de caça ou saxofonista ou cientista, mas agora que sou um “jovem adulto”, só escrever um livro já parece suficiente. Até esse momento, no entanto, minha única experiência literária digna de orgulho tinha sido abanar para o Saramago na praça de alimentação de um *shopping*, em Porto Alegre.

Como sou um autor sem pretensões para além da publicação formal de um livro, não preciso que leiam o que escrevi. Minha imodéstia não chega a tanto. Na verdade, tenho até medo que alguém me encontre na rua e queira discutir algum texto. Nesse caso, vou ter que simular uma chamada no celular e sair de fininho.

Essa falta de ambição também permite que eu faça uma retratação prévia: Eu estou errado! Se algum possível leitor achar alguma coisa estranha num texto, uma opinião estúpida ou algum erro de gramática, concordância ou ortografia ele provavelmente estará com a razão. E se ele não estiver com a razão, também não me importo.

Para considerar a tarefa de publicar um livro como feita, impus-me algumas regras: mais de 100 páginas, mesmo que algumas sejam apenas “enchecão de linguixa”; brochura, porque livro com grampos é apostila; assunto leve e bem-humorado; alguém para fazer a correção e a crítica antes da publicação; capa bonita e título chamativo.

Além disso, a tiragem não poderia ser muito grande, porque vou bancar a publicação e tenho a esperança de vender apenas o que sirva para pagar meia edição. O custo restante irá para minha contabilidade classificado como “3.1.3.00.346-1 - Despesas com a crise de meia-idade”, junto com meus tênis de corrida, as viagens para degustar vinho e, talvez, uma moto.

Conto com meus amigos e familiares para essas vendas; e também com os conhecidos que vão gostar de ter um livro autografado e com boa capa em suas estantes; e, ainda, com

outros que, por educação ou algum dever social, acabarão no logro.

O resto será aproveitado em escolas e bibliotecas, por leitores vorazes desavisados da qualidade duvidosa dos textos, ou fará a alegria de papeleiros e traças.

Inicialmente, pensei em escrever sobre informática, assunto que me deixa bem à vontade. Escolher uma linguagem de programação nova ou um aplicativo revolucionário e redigir um pequeno manual seria relativamente fácil. O problema é que, para mim, livro de informática está mais próximo de uma apostila do que de um livro de verdade.

Tendo descartado um livro sobre informática, sobrou-me pouco assunto. Alguns autores escrevem baseados em seus profundos conhecimentos ou em suas experiências pessoais, suas conversas com gente interessante, suas viagens e leituras. Eu escrevo baseado no tripé: mau humor, excesso de opinião e falta de conhecimento, e a espécie de texto que melhor pode aproveitar essas minhas “qualidades” é a crônica. Assim, fiz minha escolha: um livro de crônicas.

Por que crônicas?

O primeiro motivo para eu escrever crônicas e contos é que não sei desenhar. Se soubesse, você teria um livro de cartuns na mão. Adoro cartuns, tenho centenas em casa. Infelizmente, desenho mal, sem proporção e sem capricho.

Em seguida, vem o fato de as crônicas serem uma leitura muito leve. Claro que não se pode confundir leitura leve com assunto leve porque há crônicas que são muito profundas, até mesmo angustiantes. As minhas, no entanto, serão leves e descartáveis, perfeitas para se ler no banheiro. Você poderá

ler duas ou três facilmente enquanto faz o número dois confortavelmente instalado no trono.

Crônicas também são boas porque não exigem fidelidade. Pode-se trair as que parecem chatas e, de um livro inteiro, ler apenas uma ou duas, sem qualquer pudor.

E, por último, mas não menos importante, a crônica é um tipo de texto relativamente fácil de confeccionar. Começa-se pensando em um bom final, segue-se definindo um início com uma afirmação enfática e depois acrescenta-se um monte de pitacos e parágrafos para “encher linguiça”. Esse “encher linguiça”, no entanto, é o que dá sabor ao texto. Ali o autor realmente mostra a sua capacidade de costurar um conjunto de parágrafos para criar uma história atraente. É como aquela piada que você já ouviu dezenas de vezes e que produziu pouco mais que um sorriso, mas que, quando contada por um humorista talentoso, com seus enfeites e comentários, provoca gargalhadas na plateia.

Nesse momento, por exemplo, ocorreu-me uma ideia para uma crônica. Uma tese sobre a influência do chuchu nas expedições que acabaram por descobrir a América. Começa assim: “Por volta do século XVI quase todos os mistérios culinários e gastronômicos já haviam sido resolvidos ou, pelo menos, estavam devidamente teorizados. Restava, no entanto, uma séria dúvida sobre a forma adequada de servir o chuchu. Alguns gourmets argumentavam que o chuchu não poderia nem mesmo ser considerado um ingrediente culinário, porque o que se espera de um ingrediente é que ele altere o sabor, ainda que sutilmente, e a adição do chuchu a qualquer preparação é absolutamente inócua.”

“Os cozinheiros italianos eram os mais interessados e esforçavam-se para descobrir usos para o chuchu, porque, afinal, era muito barato, quase de graça. Italiano que se preze não pode deixar de aproveitar ingredientes baratos.”

Depois da introdução, seguem-se algumas citações e fatos históricos de difícil conferência, como: “os físicos do CERN tentaram classificar o chuchu como o quarto estado físico da água: gás, líquido, sólido e chuchu” ou “a etimologia da palavra chuchu tem sua origem na Grécia Clássica...”.

E, para encerrar, um fecho inusitado: “... ante o exposto, pode-se ver perfeitamente que a busca por temperos capazes de dar algum sabor ao refogado de chuchu foi o motor de todas as descobertas do século XVI. Embora infrutífera, essa busca continuou pelos anos que vieram e, em especial no século XX, impulsionou as tentativas de conquistar o espaço. Espera-se para o final do século XXI as primeiras expedições tripuladas a planetas distantes em busca de um tempero capaz de aromatizar o chuchu.”

O leitor mais atento perceberá que os parágrafos acima servem basicamente para que eu atinja meu objetivo de 100 páginas, mas eles também demonstram a minha capacidade de extrair um monte de bobagens de uma única afirmação estúpida. É um dom inato.

Tendo explicado meus motivos para escrever um livro e dado uma amostra do que virá nas próximas páginas, considero o nobre leitor devidamente advertido. Aos teimosos que persistirem na leitura desejo um bom divertimento.

A FARSA DA RUA DO ARVOREDO

O sol começava a prometer um dia escaldante quando o delegado Madeira estacionou a viatura em frente a um açougue na Rua Fernando Machado, antiga Rua do Arvoredo, em Porto Alegre.

O açougue, em si, nada tinha de estranho. Estabelecido em um prédio velho, mas bem cuidado, tinha duas portas de vidro que deixavam entrever seu interior de azulejos brancos, impecavelmente limpos.

Apesar da aparência de limpeza e da qualidade dos produtos, várias denúncias haviam chegado à delegacia informando que ali se vendia linguiça de carne humana. As denúncias davam conta de que com alguma frequência pessoas estranhas eram vistas no prédio do açougue e depois

desapareciam misteriosamente. E, como se não bastasse, o açougueiro e a mulher eram vistos fazendo limpeza, no andar de cima do comércio de carnes.

Às sete da manhã já se formava uma fila de clientes que dobrava a esquina e se estendia por mais duas quadras. Quando o açougue abriu, o delegado levou o dono do estabelecimento, o senhor Jose Ramos Pinto, à delegacia para prestar depoimento, apesar dos protestos dos fregueses.

Ainda na viatura, o oficial explicou que não se tratava de uma prisão, apenas desejava esclarecer algumas coisas.

– Que ideia a sua! Abrir um açougue na Rua do Arvoredo? O senhor não conhece as histórias escabrosas que contam sobre um açougue que existia nessa rua em 1864? ²

– Que loucura, não? Quando inaugurei a loja, não sabia nada sobre essa história. Eu tinha uns poucos clientes da vizinhança. Notei que todos entravam meio furtivamente e, como se tivessem algo a esconder, pediam linguças “das especiais”... e piscavam um olho. Achei aquele comportamento estranho. Só fui compreender o que estava acontecendo quando a dona Rosa, professora de literatura do meu filho, contou-me sobre a lenda das linguças de carne humana. Fiquei com medo de perder a freguesia, mas, com o passar do tempo, tenho que confessar para o senhor: comecei a retribuir as piscadas e oferecer em voz baixa as “linguças superespeciais, feitas só com o lombo”. Hoje vem gente de toda a cidade. Aquela fila que o senhor viu se repete todos os dias, inclusive no domingo de manhã. Mas eu garanto para o senhor que é linguça de porco mesmo.

– Então o senhor nega o uso de carne humana na confecção dos embutidos?

– Doutor, eu vendo 500 quilos de linguiça por dia. O senhor tem ideia de quantas pessoas eu precisaria matar pra fazer tudo isso?

– Mas o senhor poderia misturar a carne.

– Além de assassino o senhor me acusa de desonesto? Não precisa ofender. Tenho meus princípios. Se eu vendesse salsichão de carne humana, não ia misturar não. Sou um comerciante sério.

José parecia mesmo indignado com a acusação. Por um minuto o silêncio imperou, e então o comerciante voltou a falar.

– Posso provar tudo. Eu não tenho matadouro. As linguiças vêm de um frigorífico. Tenho nota fiscal. Além do mais, nem açougueiro eu sou!

– Não?

– Não! Sou caminhoneiro. Transportava mercadorias do frigorífico para Porto Alegre. Quando minha mulher ficou doente e precisou de tratamento aqui na capital, resolvemos nos mudar e abrir o açougue.

– E esse nome? Açougue CANIBAL!!!

– ANÍBAL.

– Quê?

– O nome é Açougue Aníbal. Não tem “C”. Aníbal é o nome do dono do prédio. O seu Aníbal Felizari mora no interior, onde eu vivia antes de me mudar para a capital.

Ele é dono do prédio inteiro, aluga alguns apartamentos e a sala onde eu montei o açougue.

– Certo... certo... Mas tem outra coisa: os vizinhos relataram que várias vezes viram pessoas estranhas no apartamento 101, que depois desapareceram e nunca mais foram vistas. E também disseram que o senhor e sua esposa limpam o apartamento mais vezes que o normal. Como o senhor explica isso?

– Seu Aníbal é um homem muito bom. Reservou o apartamento 101 para pessoas que vêm fazer tratamento de saúde aqui em Porto Alegre. O pessoal chega do interior e pega a chave comigo. Quando saem, limpamos e organizamos o apartamento. Em troca, eu tenho um desconto no meu aluguel. Geralmente ficam só uma noite e vão embora na tarde seguinte. Doutor, essa gente adora uma boa história. Deixa eu contar o que aconteceu na minha terra há mais de 30 anos.

Dois matutos resolveram empulhar o pessoal e bolaram um plano... Numa noite sem lua rechearam um pneu com um pano embebido com óleo, gritaram como um bando de bugios para acordar os moradores, puseram fogo no óleo e largaram o pneu em uma ladeira que terminava num rio. O pneu rodou uns 300 metros até cair no riacho.

Na noite escura, os moradores só viram um clarão de fogo passando velozmente. Os poucos corajosos que desceram a rua atrás da aparição nada encontraram porque, assim que caiu no riacho, o pneu foi levado pela correnteza.

As histórias correram a cidadezinha mais rápido que o pneu na ladeira. O sucesso do trote estimulou os malandros, que repetiram a brincadeira alguns dias depois, dessa vez com um pneu maior e vários panos. Nova histeria na região. O padre foi chamado e exorcizou toda a rua. Até o bispo visitou a cidade para acalmar os paroquianos.

Alguns habitantes imaginaram tratar-se de uma alma penada que vigiava algum tesouro escondido e passaram a vagar pelos campos com pás e picaretas.

As aparições continuaram por quase um ano até que, numa noite de ventos fortes e céu ameaçador, perfeita para aparição de almas penadas, o pneu desviou um pouco para a esquerda, atropelou uma vaca e caiu sobre o campo iniciando um pequeno incêndio. Foi aí que descobriram a farsa. A polícia foi chamada e não foi difícil descobrir os responsáveis, já que os dois malandros viviam pedindo pneus velhos nas borracharias de lá.

Tudo foi esclarecido e a paz voltou à cidade.

– Mas e o que tem a ver essa tua história com o boato das linguças de carne humana?

– Doutor, ainda hoje, 30 anos depois, tem gente vagando nos campos daquela cidade à procura do tesouro protegido pelos fantasmas.

– Mas o caso não foi esclarecido?

– Foi, mas as pessoas preferem a fantasia à realidade. É mais divertido. Por isso elas compram linguça no meu açougue. É linguça temperada com histórias.

– Então, para resumir: o senhor não vende linguça de carne humana?

– Não senhor.

– E também nunca matou ninguém e nem solicitou a qualquer outra pessoa que matasse alguém, com ou sem motivação gastronômica?

– Nunca.

– O senhor sabe que eu posso pedir uma perícia para avaliar os produtos que o senhor vende?

– Anote o que eu digo doutor: a perícia não vai encontrar carne humana nas linguças e, apesar disso, minha freguesia vai continuar comprando. Vão surgir boatos de que há uma grande conspiração em curso e que as autoridades estão acobertando um crime por interesses políticos.

– Bom, seu José, isso não é problema meu. Só estou fazendo meu trabalho. Não tenho mais perguntas. O senhor está liberado. Vou pedir para um inspetor levar o senhor de volta.

– Doutor, se não for incômodo, posso voltar algemado?

– Não seja bobo. Você já viu alguém voltar para casa algemado? A gente só usa algemas para prender, não para soltar.

– E sirene? Pode ligar a sirene?

– Também não.

– Luzinha colorida?

– Tá bom. Diga para o motorista que eu autorizei a “luzinha”.

Quando o açougueiro saiu, o delegado meditou um pouco sobre a história e depois ligou para a empregada.

– Alô, Emília?

– Sim, doutor. Pode falar. O que foi?

– Onde você está?

– Estou na fila daquele açougue que o senhor mandou comprar linguiça. A fila tá enorme. Não sei não, tão dizendo que o salsichão é de carne de gente e parece que o açougueiro foi preso hoje de manhã, por isso que tem essa fila. O senhor tem certeza que quer comprar o salsichão aqui, doutor? Vai demorar!!!

– Deixa pra lá, Emília, pode comprar no mercado mesmo. E não se impressione com essas histórias. É coisa de gente ignorante.

Emília desligou e já estava indo para o mercado quando um carro da polícia chegou com o giroflex ligado. Dele desceu o açougueiro escondendo as mãos debaixo de um casaco.

Ouviram-se murmúrios, e alguns se revoltaram, mas ninguém saiu da fila... Pelo contrário, a fila só aumentava.

SONHOS E BEIJINHOS

Estava fechando a porta do banheiro, mas ela entrou com agilidade de gato faminto e empurrou-o com força para dentro do *bax*. Vestida de branco e com os cabelos presos, afastou-o com uma das mãos, encostou a porta e chaveou. Era morena, tinha olhos negros imensos e os seios apontavam para a lua. Tirou a blusa, virou-se para ele, encostou a boca em seu ouvido e disse:

– Dr. Alonso, eu quero o senhor agora.

Ele deu-lhe um beijo rápido na boca para disfarçar e explicou:

– Veja bem, não é que eu não queira... eu sou um homem casado... dois filhos... amo minha mulher... trabalho numa empresa conservadora e...

Nesse mesmo momento toca o despertador e o Dr. Alonso acorda confuso. Levanta da cama e cambaleia até o banheiro. Dá uma olhada no espelho, está horrível: olheiras fundas; cabelos desarrumados; tem a marca do travesseiro de renda impressa nas bochechas.

São oito horas. Está atrasado.

Não come nada porque o estômago está embrulhado. Toma um copo d'água para acomodar as entranhas e sai sem fazer a barba.

Decide ir de ônibus porque não está em condições de dirigir.

Enquanto segue para o trabalho, começa a pensar no seu sonho. *Como pude dispensar aquela morena linda? E num sonho? Será que estou ficando velho? Ou então parei de gostar de mulher!*

Tentou se distrair olhando o jornal do passageiro da frente, mas a morena não saía da sua cabeça. Era conhecida, com certeza. Alguém do escritório? Provavelmente não, chamou-o de doutor. Ninguém o tratava desta forma no escritório, mesmo sendo um chefe de setor. Nem a telefonista, que até gerente de pizzaria chamava de *doutor*; dispensava-lhe este tratamento.

Colega do tempo de faculdade também não era. No seu curso de engenharia só havia três mulheres e nenhuma delas poderia ter mudado tanto: a ciência ainda não chegara a um patamar de evolução tão próximo do milagre.

Não era artista de cinema, novela ou revistas. Era um mistério.

Desceu do ônibus duas paradas antes para pegar um ar puro. Continuava angustiado quando chegou ao prédio. *Como pude fazer isso. Tudo bem que eu sou bem casado, adoro meus filhos, tenho uma vida feliz, mas era um sonho... um sonho. Qualquer coisa é permitida em um sonho. Não é verdade!!!*

Fez um esforço sobre-humano para impedir que o conteúdo do seu estômago continuasse a subir quando o elevador parou no décimo andar.

No escritório, todos estavam com uma aparência amarrotada, pois na noite anterior acontecera a festa de comemoração dos quinze anos da empresa no terraço do prédio. Muito salgadinho, whisky e chope. Todos exageraram, até o Alonso.

Tomara que eu não tenha feito nenhum fiasco, não lembro de nada.

Entrou na sala e sentou-se atrás da mesa, mas não conseguiu se acalmar. As paredes eram de vidro e isso o deixava mais inquieto porque não queria que ninguém o visse naquele estado.

Ligou para a mulher na casa da praia para verificar se tudo estava bem com ela e com as crianças. Ninguém atendeu. *Provavelmente estão na praia.* Naquela tarde mesmo iria para o litoral para comprovar que fizera a escolha certa. Isso mesmo. Fizera a coisa certa. Mesmo que fosse um sonho, mesmo que ninguém viesse a saber. Ele não fora um covarde, apenas era um homem de princípios.

Ouviu umas batidas leves e a porta se abriu.

– Com licença doutor Alonso.

Meu Deus. É ela. A morena do sonho.

Pensa, pensa!!!

Lembrei!!

Dra. Eurídice. Odontopediatra. Consultório no terceiro andar. Os pacientezinhos a chamavam de “Doutora Dicinha” e o pessoal do escritório, de “Doutora Docinhos” por que os seios dela pareciam dois...

Para, para. Se concentra.

– Bom dia, Dra. Docinhos, como vai a senhora?

Dra. Docinhos? Senhora? A moça é uns 15 anos mais jovem que você. Cabeçudo. Concentra.

– Como? Docinhos?

– Desculpe. Confundi a senhora com outra pessoa.

Dra. Eurídice.

Senhora de novo?

– Eu vim me desculpar sobre ontem à noite, sabe? Eu bebi demais. Sempre achei o senhor muito atraente, sabe? Mas a verdade é que eu extrapolei. Estou com tanta vergonha.

Meu Deus!!! Era de verdade!!! Calma agora, não vá ter um ataque do coração na frente da moça.

– Não se sinta mal, doutora. Isso acontece. Não é muito comum acontecer comigo. Na verdade, essa é a primeira vez. Mas eu sei que nem sempre a gente consegue controlar essas coisas. Fique tranquila. Não falei para ninguém.

– O senhor é mesmo um cavalheiro. Não se fazem mais homens como o senhor.

Ela se aproximou para dar-lhe um beijo na face.

Nossa!!! Lá vem aquele par de seios. Mantenha posição soldado. Não fuja e não dê bandeira.

Ela já estava saindo quando ele falou:

– Doutora?

– Sim?

– Não quero que a senhora pense que sou *gay*, embora não tenha nada contra, ou que a senhora não é uma mulher atraente. Eu nunca conheci uma mulher tão maravilhosa quanto a senhora.

– O senhor é mesmo um amor. Obrigada.

Alonso se sentiu aliviado. Tudo aconteceu de verdade. Não foi um sonho. Se bem que à primeira vista pudesse parecer que ele era um covarde, pelo menos era um covarde da vida real. O que não se pode admitir é sonhar com a Dra. Docinhos e fugir. Ninguém respeita alguém que foge de um mulherão daqueles durante o sonho.

Ligou para a sua mulher novamente.

– Alô!

– Oi amor, liguei antes. Vocês estavam na praia?

– Sim, voltei agora para organizar a casa. As crianças ficaram com os primos. Você vem hoje?

– Já estou com as malas prontas. Chego no final da tarde.

Hesitou um pouco e depois falou.

– Você está a fim de um jantarzinho romântico? Podemos deixar as crianças na casa da avó, elas adoram ficar lá mesmo.

– Uau! Isso é uma cantada? O que houve? Sonhou comigo?

– Não... Quero dizer, sim. Mais ou menos. Você quer?

– Claro!!! Faz tanto tempo que não ficamos sozinhos. Vou até fazer umas compras. Você quer algo especial?

– Não. Nada. Só ficarmos juntos já está bom... Pensando bem, você pode comprar uns beijinhos? Estou com muita vontade de docinhos hoje.

DUDA E PE

Duda e Pe se conheceram em um *chat* pretensamente sensual na internet. Pe, apesar de um tanto tímido, entrou com um apelido que eliminava qualquer dúvida quanto a sua virilidade;

Duda equilibrou erotismo e fragilidade ao escolher o seu.

Apesar de só terem os *nicks* como referência, acabaram simpatizando um com o outro e trocaram seus *emails*.

Decidiram que não tentariam nenhum contato além do MSN. Nada de telefonemas, visitas ou cartas. Uma relação completamente virtual.

Com o passar do tempo, o papo já corria leve e os dois resolveram que era hora de jogar “O JOGO”. Alterna-

damente, fariam perguntas um para o outro, que deveria responder com total sinceridade. Os assuntos estavam liberados, de amenidades, como o time de futebol, a coisas mais pesadas, como preferências sexuais e hábitos nojentos. Apenas não podiam repetir as perguntas.

Já jogavam há dois meses com uma ou outra saia-justa quando os assuntos começaram a escassear. Numa madrugada de sábado aconteceu o inevitável.

...

Pe: onde você mora?

Duda: no interior de Minas Gerais, eu já te disse.

Duda: VC NÃO ESTÁ SEGUINDO AS REGRAS,
NÃO É PERMITIDO REPETIR AS PER-
GUNTAS.

Pe: eu realmente não sei mais o que perguntar.

Pe: se não der para repetir não poderemos continuar.

<Pausa>

Duda: tá bem... acho que podemos passar por cima dessa regra,

Duda: eu também estou ficando sem assunto.

Duda: qual a sua comida preferida?

Pe: churrasco

Duda: ei... vc disse que era lasanha.

Duda: VC ESTÁ MENTINDO

Duda: é proibido mentir no JOGO. Eu não vou mais jogar se vc não for sincero nas respostas.

Pe: mas se vc sabe a resposta, não tem por que perguntar.

Pe: concordamos em repetir as perguntas, agora temos que concordar que as respostas podem mudar.

Pe: caso contrário não vai ter nenhuma emoção, nada de novo para descobrir.

Pe: vamos ter que parar o JOGO e não vamos mais conversar.

Pe: e outra coisa: eu posso ter enjoado de lasanha.

<Pausa>

Duda: Alasca.

Pe: O quê?

Duda: Eu moro no Alasca.

Duda: Sou filha de um aventureiro norueguês com uma esquimó.

Duda: Sou a única loira da minha tribo.

<Pausa>

Pe: Adoro lombo de urso polar assado com batata e cebola...

AUTOCORREÇÃO DA ECONOMIA E A TEORIA DE KUDUNS³

Numa conversa com um amigo economista, fui surpreendido com a afirmação de que ele ainda acredita na autocorreção do mercado. Citou vários exemplos que eu, sinceramente, não compreendi, muito menos sabia que existiam. Também disse que, provavelmente, se deixassem tudo correr livremente, essa nossa crise acabaria se resolvendo.

Sou um cara simplório nesses assuntos, mas acho que ele não tem razão. É uma opinião de leigo, mas, para mim, autocorreção é quando pequenos desvios são consertados conforme o tempo passa e a economia segue, mais ou menos incólume, o seu caminho. O que se viu nessa crise, no entanto, foi um *crash* global. Sem uma interferência forte,

as coisas teriam desabado e precisariam ser construídas novamente. Isso não seria uma correção, mas uma revolução. O que diferencia uma correção de uma revolução é que, na primeira, a parede está torta; na segunda, já ruiu.

Nessas horas, surge todo o tipo de teoria, todo mundo tem uma opinião. Eu tenho a minha: “Navalha de Ockham”. Apesar de pouco conhecida, trata-se de uma teoria muito importante. Em síntese, significa que a explicação mais simples tende a ser a mais exata. Ou, visto de outra forma, que se deve usar o mínimo de variáveis para explicar um fenômeno. Existe até uma variação muito difundida entre os profissionais de informática chamada Teoria de KISS (keep it simple stupid - mantenha a coisa simples, estúpido).

Usando o princípio de Ockham, podemos tentar explicar a crise usando as milhares de teorias de centenas de milhares de economistas e chegaremos à conclusão de que elas não resolvem o problema. Nesses casos, Ockham manda inserir mais uma variável. Que variável é essa? Ora, o governo, a variável indesejada. Ou seja.... o mercado se autocorriga, porque, afinal, o governo agora foi convenientemente integrado a esse maravilhoso mundo chamado *mercado*. Simples não?

Mas tem outro problema. A inserção do governo na equação não resolve a crise. Por quê? Porque o governo é uma variável fraca, com poucos recursos. O governo norte-americano, por exemplo, é uma eficiente máquina de produzir *deficits*. Como vai conseguir segurar uma economia na descendente?

Eis que surge uma teoria que não só aponta a solução como indica os seres que serão imolados para que os deuses da economia se acalmem. Trata-se da Teoria dos Kuduns, que tem como corolário: “nuskuduns, tudo; nuskudoutros nada”. Ela explica por que “uns”, que apenas viviam suas vidinhas tranquilas, vão perder os seus empregos, vão ter que reduzir o tamanho dos ovos de Páscoa e viverão tempos de incerteza e medo; enquanto “outros” vão comprar ações a um preço módico e esperar, ao lado da piscina, que os preços se multipliquem.

A equação, então, fica assim: *mercado + governo + “uns” = nada*. Ou seja, um esforço colossal apenas para chegar ao ponto em que já estávamos há alguns anos.

É assim que funciona. É o mercado se autorregulando e, afinal, tudo está bem quando termina bem. Mas se você é um “uns”, no máximo poderá dizer com orgulho para seus netos que foi parte importante na solução da crise de 2008 e que inspirou um sambinha de raiz cujo ritmo é mais ou menos assim: “... nuskuduns, nuskuduns ... nuskuduns, nuskuduns ... nuskuduns, nuskuduns...”

ATA Nº 01/2009 DO CLUFUPAPF.

Aos cinco dias do mês de janeiro de 2009, reuniram-se na Associação de Funcionários Públicos Aposentados de Passo Fundo os membros do CluFuPAPF (Clube dos Funcionários Públicos Aventureiros de Passo Fundo) para a assembleia ordinária. Inicialmente, foi lido pelo secretário um rápido obituário com as homenagens tradicionais. Em seguida, apresentou-se a pauta da reunião composta dos seguintes itens:

1 - Autorização para compra de uma moto do tipo “estradeira”, para ser alugada aos associados em “crise de meia idade” que, dessa forma, poderão curtir sua crise a um custo bem mais baixo;

2 - Iniciar discussão sobre a possibilidade de o clube passar a permitir a presença das esposas nas reuniões e expedições;

3 - Seleção de roteiros para as próximas expedições do clube;

4 - Assuntos gerais.

Após um rápido debate, foi aprovada a compra da moto por 45 (quarenta e cinco) votos a favor, 10 (dez) contra e 5 (cinco) abstenções. O modelo será definido por votação em reunião futura após a leitura do parecer de um urologista e de um ortopedista, que serão contratados para subsidiar a escolha.

O colega Nogueira iniciou as discussões sobre a presença das esposas nas reuniões e expedições informando: “Embora não seja o meu caso, algumas esposas de associados, de quem não vou citar os nomes para não causar constrangimentos, já deram um ultimato, exigindo participar”. Sugeriu também o colega Nogueira, que a votação fosse secreta, para evitar que a vergonha de ser considerado “pau-mandado-de-mulher” acabasse influenciando no voto. A autorização foi concedida por unanimidade apesar de protestos de diversos associados que juraram ter votado contra. Uma comissão foi formada para examinar o caso e propor mudanças na cédula de votação que pode ter confundido os associados.

Quanto ao destino das próximas aventuras, diversas sugestões foram apresentadas, das quais citamos: Terra do Fogo, em veículos *off-road* 4x4; volta pelas trilhas históricas

do Rio Grande do Sul em moto; cavalgada com destino às Missões, safári na África do Sul e escalada no Chile.

Por fim, ficou acertado o seguinte:

- A expedição se realizará no dia 20 de janeiro de 2009, saindo do centro de Passo Fundo às nove horas, rumando para a vizinha cidade de Mato Castelhano e será denominada “Spanish Forest Extreme Expedition”, num trecho total de 20 km sendo 15 km de asfalto;

- Cada associado poderá participar com seu próprio carro, desde que aplique o adesivo oficial da expedição;

- A viagem só ocorrerá se o tempo estiver bom;

- Durante o trajeto, os associados não devem parar para pedir informações. Qualquer dúvida deve ser sanada com consultas a outros membros da expedição. Afinal, o mínimo que se espera de um aventureiro é que saiba ler um mapa ou, pelo menos, identificar o carro de um colega.

- As esposas poderão participar, desde que só dirijam nos trechos de asfalto ou quando o associado solicitar;

- Haverá distribuição de biscoitos integrais, geleias dietéticas e chás de diversos sabores, mas quem quiser pode levar cerveja;

- A diretoria fica autorizada a adicionar protetor solar e repelente de insetos à caixa de primeiros socorros;

- O retorno está previsto para as 16 horas, se as condições do tempo não apressarem a volta.

Sem mais propostas, a reunião foi encerrada. Seguem as assinaturas dos participantes.

ESCOLHEDORES DE SAGU

Servindo-se em um *buffet*, sem ninguém à sua frente, misteriosamente, forma-se uma fila enorme atrás de você. Pode ter certeza: você é um *escolhedor de sagu*, uma das formas de vida mais detestadas do universo.

Para quem não sabe, sagu é uma bolinha de mais ou menos três milímetros de diâmetro, feita de amido de mandioca. Cozida com suco de fruta ou vinho, juntamente com outras quatro mil bolinhas, dá origem a uma deliciosa sobremesa.

Um escolhedor de sagu é um homem, ou mulher, que busca, entre essas quatro mil e uma bolinhas, as mais perfeitas, apesar de saber que não há, praticamente, nenhuma

diferença entre elas. De fato, trata-se de uma criatura muito chata.

Disputados a golpes de colher e estocadas de garfo e faca, o bife do tamanho certo, a ervilha mais redondinha ou a rúcula com o menor talo são o *Santo Graal* dos escolhedores de sagu.

Além da busca pelas características ideais de cada alimento, roupa, utensílio, carro ou produto de beleza, os escolhedores de sagu têm uma incrível compulsão por informação.

– Ô, moço.... moço? Esta lasanha é de quê?

– É de quatro queijos.

– Ah! é? E quais os quatro queijos?

– Só um instante.

.....

– É de *mozzarella*, provolone, parmesão e *catupiry*.

– Mas é *catupiry* mesmo ou requeijão? Leva noz-moscada?

Neste momento, os clientes já começam a se revoltar e o garçom é obrigado a tirar a lasanha quatro queijos do *buffet*.

– Não tem mais lasanha. Acabou.

– Moço? A salada é temperada?

Os escolhedores de sagu são, em sua maioria, idosos. No entanto, mocinhas tentando afinar a silhueta, executivos e naturalistas também costumam travar filas em restaurantes.

Garotões com novas namoradas são classificados como escolhedores temporários de sagu. Ficam indecisos entre

mostrar o lado metrossexual, escolhendo as mais tenras folhas de alface americana, ou apresentar-se como macho dominante carnívoro e impiedoso, atacando vorazmente grandes pedaços de carne semicruda.

Não se deve esquecer que os escolhedores de sagu nem sempre foram esses odiosos seres detestados pela sociedade. Na verdade, o ódio geral por estas criaturas só se intensificou com o advento dos restaurantes *self-service*.

Na pré-história, os escolhedores de sagu eram pessoas muito importantes na sociedade tribal e muito requisitados nas caçadas. Numa típica cena pré-histórica, um grupo de vinte pitecantropos foge de um imenso tigre de dentes de sabre. Um dos pitecantropos para e põe-se a escolher – analisando em termos de custo/benefício – qual a melhor caverna ou melhor árvore para esconderijo. Então, é estraçalhado pelo tigre “desregrado e de péssimos hábitos alimentares”. Dezenove pitecantropos salvam-se e passam, calmamente, a discutir qual escolhido de sagu levarão na próxima caçada.

Com o tempo cada vez mais escasso para o almoço, no entanto, a tolerância para com os escolhedores de sagu ficou abaixo de zero. Por isso, diversos institutos de pesquisa estudaram novas formas de acabar com este grave problema social, apresentando alternativas à solução simplista de prender os escolhedores de sagu, apesar de nenhuma delas ser tão eficiente e segura.

A proposta mais promissora é a de um balcão de *buffet* que só apresenta uma porção de alimento por vez. A pessoa serve-se de um filé, por exemplo, e só depois um novo filé é

apresentado ao próximo cliente. Vem uma porção de arroz e uma nova porção só estará disponível para o próximo e assim sucessivamente. Testes de campo realizados na cidade de Mérsnia Grande do Sul foram considerados um sucesso, apesar de alguns escolhedores de sagu ainda conseguirem burlar o sistema, deixando que os clientes logo atrás na fila passem na frente, enquanto eles aguardam a próxima porção. Entretanto, de certa forma, isso resolve o problema.

Mas o que fazer quando não se tem acesso a essas tecnologias de ponta em nossos restaurantes? O grupo de apoio às vítimas dos escolhedores de sagu, conhecido como “As bolas são iguais!”, tenta resolver o problema com coisas mais simples, como uma campanha com camisetas: “Dores lancinantes aos escolhedores de sagu!”.

PS.: Eu já havia encerrado a minha pesquisa sobre escolhedores de sagu quando deparei-me com uma nova espécie, provavelmente uma mutação.

A mocinha, de uns 18 anos, cabelo da moda, sapatos da moda, óculos de sol da moda, tudo da moda, olhava cada prato do *buffet*, mexia com a colher e fazia cara de nojo.

Os clientes que vinham atrás dela na fila aguentavam por alguns segundos e depois ultrapassavam-na, mas ela continuava impassível. Ao chegar ao fim do *buffet*, ela havia servido apenas arroz e feijão. Contemplou o seu prato por um minuto e voltou para a fila. Novamente fez cara de nojo em cada bandeja, mas dessa vez se serviu assim mesmo.

Confesso que fiquei com medo dela, porque até aquele momento parecia-me que ser um escolhedor de sagu era apenas um estilo de vida, uma forma inata de se relacionar com a comida. Aquela mocinha, no entanto, era diferente, ela era uma profissional.

Esse episódio reforçou em mim a convicção de que é necessária uma atitude drástica, caso contrário seremos dominados por essa espécie.

Como se não bastasse, quando eu saía do restaurante encontrei-a novamente, dessa vez na fila da sobremesa, olhando com desprezo, por ironia, para uma tigela de sagu.

O “VALOROSO FUNCIONÁRIO CARLOS PARREIRA VIDEIRA NETO” E O SEU PLANO GENIAL

O escritório em que Carlos Parreira Videira Neto trabalhava funcionava em um prédio baixo e decadente entre dois grandes centros comerciais. A decadência do prédio acompanhava situação igual da repartição pública que nele funcionava. Dos tempos áureos, quando foi inaugurada por um presidente da República, só conservava a quantidade de funcionários e os móveis de madeira escura, completamente inadequados para os atuais tempos de computadores e redes.

Carlos Parreira Videira Neto era filho de Carlos Parreira Videira Filho e, claro, neto de Carlos Parreira Videira – todos funcionários públicos da mesma repartição. Os três

começaram no serviço público pouco depois de completarem vinte anos. O pai e o avô morreram antes de completarem quarenta anos; segundo rumores, por intoxicação com tinta de canetas, cujas pontas tinham mania de lamber antes de iniciar cada frase.

Fora das dependências da repartição, no entanto, havia outra teoria sobre o falecimento prematuro dos ascendentes de Netinho – prontamente rechaçada pelas chefias e pelos familiares – dizia-se que eles haviam definhado em seus cargos até morrerem de desgosto.

“Um absurdo” – falavam os chefes – “eram funcionários exemplares, e no nosso Ministério sempre há desafios a serem vencidos e carreiras brilhantes estão reservadas para os que se destacam”.

Como não chegou a uma conclusão sobre a causa da morte do marido e do sogro, a mãe de Netinho buscou eliminar, com mão pesada e doses generosas de pimenta, a possibilidade de Netinho levar a caneta à boca, de forma que já não havia o perigo da intoxicação. A possibilidade de definhar atrás da mesa, Netinho considerava remota, porque planejava apresentar ao chefe da repartição, até o final do ano, um estudo sobre como melhorar o fluxo de trabalho. Com isso, pensava, mostraria suas habilidades superiores e seria promovido. Sobre este seu plano ousado falaremos mais tarde.

Netinho não herdara somente o nome de seus antecessores, mas, também, o jeito calmo e uma aparência de elfo raquítico que o distinguia desfavoravelmente dos colegas de trabalho.

Todos os Parreira Videira envelheciam rapidamente até os vinte anos e, depois disso, permaneciam inalterados e brancos como bonecos de cera por vários anos. Aos dezenove anos caía-lhes a maior parte dos cabelos vermelhos, sobrando, nos lados, apenas alguns tufos que resistiam bravamente até o fim da vida. O fim, como já se disse, costumava chegar cedo.

Outra herança familiar era a mesa de madeira escura, ao lado da chapeleira, logo na entrada da repartição. Era pesada e desajeitada com suas várias gavetas cheias de marcas. Em si a chapeleira era um mistério. Já havia passado pelo menos 30 anos desde que fora utilizada pela última vez, e lá permanecera porque a ficha de controle do patrimônio havia sido perdida e “não se pode dar baixa no patrimônio sem a ficha de controle”. De qualquer modo, Netinho, a mesa e a chapeleira formavam um conjunto harmônico – lúgubre e sinistro, mas harmônico.

Verdade seja dita, Netinho era mais esperto que seus antecessores. Imaginando que a sina de ser funcionário tivesse algo a ver com seus nomes fez com que seu filho se chamasse Carlos Parreira Videira Neto Filho e não Carlos Parreira Videira Bisneto como todos esperavam. A mudança foi pequena porque “Nunca se sabe, pode ser que lá fora seja pior...”

Sobre a expressão “Nunca se sabe, pode ser que lá fora seja pior...”, de uso corrente entre os nossos funcionários públicos, cabe uma explicação. Os funcionários públicos são uma classe de trabalhadores parcialmente protegida de certos problemas que afetam “os de fora”, como a demissão

sem justa causa e a redução de salário. Assim, apesar da falta de perspectivas e da certeza de que alguns “de fora” estão se dando bem, eles continuam “dentro”, porque muitos “de fora” estão muito mal. É uma teoria simplista que se encaixa bem em mentes predominantemente racionais.

Mas voltemos ao trabalho de Netinho. Suas funções limitavam-se a receber alguns papéis, carimbá-los, assinar, cadastrar os dados em um velho computador com a tela verde e encaminhar para as “autoridades competentes”. O que mais doía em Netinho era ter de passar para os “competentes” coisas que ele sabia fazer e que poderiam ser rapidamente resolvidas.

Para mudar esta realidade, Netinho desenvolveu um plano revolucionário. Não tão revolucionário que alterasse a estrutura hierárquica. Sabia que qualquer tentativa de romper com o organograma não seria nem avaliada. A proposta era bem simples. Os serviços entrariam no processo pelo “Recebimento”, que corrigiria qualquer falha. Se o destinatário estivesse errado, se um requerimento tivesse sido entregue em vez de uma petição ou se a solução fosse simples, tudo seria resolvido ali mesmo. Na segunda camada seria feita a maior parte do trabalho. Vários setores especializados se revezariam com o objetivo único de dar uma solução definitiva aos problemas. Nenhum trabalho deveria passar da terceira camada, onde estariam os chefes.

Na sexta-feira, Netinho vestiu seu terno verde de lã, apesar do calor infernal, e foi direto para o gabinete da chefia. A secretária, estagiária recém contratada, pediu a ele que aguardasse um momento e continuou lixando as unhas dis-

traidamente. Netinho já estivera conversando com ela duas vezes antes. Era uma adolescente típica, seu corpo parecia estar sendo reformado aos poucos. Na primeira vez que se encontraram, a cabeça lhe parecera enorme e desajeitada, na segunda vez percebeu as mãos imensas. Nesta terceira vez o peito parecia desproporcional e uma espinha hipnótica chamava a atenção para o nariz.

Após vinte nervosos minutos lendo uma reportagem sobre “técnicas de adestramento sem castigo” em uma revista antiga, o chefe chamou pelo interfone. A secretária apressou-se para abrir a porta.

– Bom dia, Seu Carlos. Como vai o senhor? Sente-se... Conheci muito bem o seu pai e o seu avô, pessoas maravilhosas... O que traz o senhor aqui? – falou apressadamente o chefe.

– Bom dia, Dr. Guedes. Venho apresentar um projeto em que tenho trabalhado nas horas de folga.

O Dr. Guedes tinha o cabelo pintado de negro, com-prido no lado esquerdo e penteado para a direita para tentar esconder a calva. Só isto seria suficiente para classificar seu aspecto como deprimente, mas ele ainda tinha dentes tortos e amarelos e um rosto gordo e rosado para ajudar.

– É um prazer receber um funcionário tão valoroso da seção de... de...

“Protocolo” – completou um senhor magro de pescoço enorme sentado no canto da sala.

– Isso... Protocolo.

Foi só neste instante que Netinho percebeu o estranho personagem pescoçudo. Durante a conversa, ficou claro que o pescoçudo tinha como tarefa completar as frases do chefe, que raramente conseguia manter a linha de raciocínio.

Após meia hora de um diálogo sobre amenidades, durante o qual o pescoçudo interferiu várias vezes, chegou o momento de apresentar o plano.

Apesar do nervosismo, Netinho saiu-se bem. Apresentou sua idéia de maneira clara e quase não foi interrompido pelo chefe, porque o pescoçudo havia saído da sala com uma caneca de café e, na sua ausência, o chefe limitava-se a emitir grunhidos de aprovação.

– Netinho terminou a apresentação e estava excitadíssimo. O chefe olhava para ele com um olhar enigmático e interessado. Um pensamento maravilhoso começou a se formar na cabeça: *Finalmente um Parreira Videira conseguiria uma... uma ...*

“Quebra de paradigma” – completou o homem pescoçudo entrando na sala com a caneca na mão.

Netinho olhou para o homem pescoçudo assustado e pensou: “Será que ele lê...”

– “Pensamentos?” Não... É que aqui tudo se repete. Ano após ano. A boa vontade de vocês não têm fim. Sempre tem alguém disposto a sugerir melhorias.

Agora que o auxiliar estava na sala, o chefe voltara a falar.

– Ótimo trabalho, Seu Carlos. Quero que encaminhe um memorando para a Seção de Desburocratização e Trabalhos Variados com uma cópia do seu projeto.

– Mas, chefe... é um trabalho sobre desburocratização, por que precisa passar por todo o processo? Não basta o senhor ordenar que seja implantado?

– Meu filho, já somos uma entidade moderna e ágil, mas as coisas têm que seguir seu caminho. Nós precisamos garantir a autoria das suas idéias. É preciso documentar para que outros possam dar sua contribuição. Eu sei que parece perda de tempo, mas é um preço que se deve pagar para o sucesso, é quase uma condição... uma condição...

“*Sine qua non*” – falou o pescoçudo, já vestindo sua jaqueta puída para ir embora.

– Isso. *Sine qua non*... Fique tranquilo... tudo vai dar certo.

– Bom, se o senhor garante, vou confiar. Acredito que as coisas estejam sendo simplificadas e que meu trabalho vai dar uma contribuição importante.

Apertaram as mãos. Netinho já fechava a porta quando o chefe chamou preocupado:

– Seu Carlos... a segunda via do memorando tem que ser em papel verde. E a terceira em papel magenta, claro.

O sangue subiu à sua cabeça. Aquilo era um ultraje. Como esperar qualquer melhora quando até as soluções para a burocracia são atravancadas pela própria burocracia?

O problema exigia uma atitude definitiva e corajosa: Na semana seguinte, Netinho entrou com os papéis para trocar o nome do filho para Washington Macieira, mas não pediu demissão. Afinal, “Nunca se sabe, pode ser que lá fora seja pior...”

RPM - A SAGA

Atendendo ao gentil convite da instrutora da academia, fui fazer uma aula gratuita de RPM. *Gratuita* é uma palavra irresistível para um descendente de italianos como eu.

Tinha poucas informações sobre RPM; por isso, antes de me dirigir à academia e passar por um fiasco, fiz uma pequena pesquisa. Num *site* da *internet* encontrei uma explicação vaga: “*RPM é um programa de ciclismo indoor que visa ao desenvolvimento da capacidade cardiovascular e pode gastar cerca de 800 calorias numa única sessão*”.

“Ciclismo” e “*indoor*”... “bicicleta dentro de uma sala”. Mole!!! Fui sem medo. Um cara nascido em Sananduva, onde o calor do verão faz derreter o plástico dos tênis, e que passou boa parte da adolescência andando de bicicleta

em São Valentim, onde as ladeiras são tão íngremes que os prédios têm dois andares na frente e cinco andares nos fundos, não vai se afrouxar em uma bicicleta que fica presa no chão de uma sala com ar-refrigerado, música e luzinha colorida piscando.

A tarefa parecia simples. Domino os fundamentos desde criança: pedalando, a roda gira; paro de pedalar, a roda também para; e não precisa se equilibrar! Perfeito!

Cheguei à academia com alguma antecedência e procurei uma *bike* no fundo da sala, mas a professora indicou uma bem próxima do instrutor para que ele pudesse fazer o acompanhamento na primeira aula.

Olhei de relance para os meus colegas e constatei que meu plano de passar despercebido tinha ido por água abaixo. Mesmo com as luzes apagadas, ninguém é mais fácil de ser notado que um cara levemente barrigudo, de cavanhaque, em uma sala lotada de pessoas com índice de gordura corporal abaixo de 10%, idade abaixo de 25 e com cabelo ocupando mais de 50% da cabeça. Calculando bem, diria que a gordura corporal de todos os outros praticantes era equivalente à gordura existente na minha coxa esquerda.

A aula começou relativamente tranquila... Música com uma batida legal, temperatura agradável e bicicleta na descida. Depois enfeiou... Começaram as subidas, o ritmo alucinante das músicas de *rave*, o pedal batendo na canela, cansaço e suor. O instrutor gritava frases de incentivo, como “só mais 20 minutos de subida” e “mais rápido agora que só faltam 15 minutos”. O pessoal pedalava com vontade e eu só olhava para um relógio de parede que parecia estar

girando para trás. Quando eu já estava pensando em desistir, a aula acabou. Aleluia!!!

Durante o alongamento, descobri alguns músculos de cuja existência não tinha conhecimento. Fiquei algum tempo conversando depois do final, para não dar na vista de que estava “pregado”, mas quando a nova turma chegou, fui obrigado a me despedir.

A saída foi complicada porque as pernas pesavam 100 quilos e os degraus da escada insistiam em fugir dos meus pés. Evitei pensar na possibilidade de haver câmeras de segurança e de eu virar um novo astro do *Youtube* numa cena de queda deprimente.

Apesar de tudo, sobrevivi, e não desisti... Assim que o pessoal que faz a limpeza da academia achar minhas pernas, pretendo me matricular em outra atividade física. Uma mais adequada ao meu condicionamento... Estou pensando em dança de salão.

INFERNOS

Como católico “meia-boca” fico um tanto receoso de criticar a Igreja. Afinal, a religião foi sempre muito importante no desenvolvimento humano. Ao colocar alguns freios nas pessoas, permitiu a criação de regras de convivência quase impossíveis de serem implantadas por leis normais. No entanto, há coisas na religião que ficam engasgadas. Vocês sabem: histórias malcontadas, brechas de tempo e conceitos confusos.

Um dos conceitos mais confusos da Igreja Católica é o conceito de *inferno*. A Igreja insiste no “*fogo eterno*” quando está claro para mim que no inferno não tem fogo, o inferno é assolado eternamente por chuvas. No inferno chove todos os dias. Uma garoa leve e gelada na maior parte do tempo,

que engrossa nos horários de pegar as crianças na escola ou parar na padaria.

Para atrapalhar, no inferno chuvoso quase todo mundo tem carro, sejam demônios, residentes ou hóspedes; e usam-no constantemente, porque, afinal, está sempre chovendo. Não há locais para estacionamento, porque todo o meio-fio está ocupado com entradas de garagem. Há muitas garagens no inferno, porque há muitos carros. As ruas são estreitas, mal sinalizadas e os semáforos são sadicamente sincronizados para impedir o fluxo de carros.

Os poucos habitantes não-motorizados usam o serviço da Cooperativa de Demônios Taxistas Sádicos, a CDTS.

O inferno chuvoso é o inferno legítimo, oficial e real. Se existe um segundo inferno, de fogo, como defende a Igreja, é nele que os demônios do inferno chuvoso vão passar as férias de verão. E, de lá, voltam dizendo:

– Ah! Aquilo é um paraíso! Quando me aposentar, mudo para lá.

Os pecadores incorrigíveis são enviados para o inferno de chuva. É o castigo final. Se não se arrependerem dos pecados ali, não há mais nada a fazer.

Para quem duvida da existência do inferno úmido, basta programar uma visita a uma de suas sucursais – aqui mesmo no Brasil. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e mesmo cidades pequenas do interior já têm seus próprios “cantinhos infernais”, é só prestar atenção.

Para quem já conhece o ambiente infernal, fica o conselho: *arrependei-vos enquanto há tempo!*

AMAMUAM

Estava na seção de dietéticos e naturais de um grande supermercado quando foi abordado por um sujeito bonachão, de bigodes grandes e barriga de tio tomador de chope.

O desconhecido entregou-lhe um cartão onde se lia: Lildio Ivo Carlos, presidente do AMAMUAM - Seção Porto Alegre. Abaixo do nome e do cargo havia o endereço de um *site* e um número de telefone celular.

Após alguns segundos de estudado silêncio, Lildio esclareceu:

– Associação dos Maridos de Mulheres de Alta Manutenção. É isso que significa AMAMUAM.

Pensou em se desvencilhar com uma frase de efeito ou algum comentário bem humorado, mas a abordagem direta

e a curiosidade o imobilizaram. Houve um novo silêncio e então Lildio atacou novamente:

– Você deve estar se perguntando por que eu lhe dei o meu cartão.

– Ia perguntar isso.

– Estive observando você. Posso tratá-lo por “você”?

Amaldiçoou sua curiosidade e sua mania de agradar a todos, mesmo os desconhecidos. Têria que aguentar o papo por alguns minutos ainda.

– Pode sim. Continue!

– Acredito que você seja marido de uma mulher de alta manutenção. Estou certo?

A conversa estava começando a incomodar e ele respondeu um tanto nervoso:

– Meu senhor... Eu nem sei o que é uma mulher de alta manutenção.

– Eu explico. Fique calmo. Nossa conversa será muito proveitosa para você. Você é recém-casado, não é?

– Sou sim.

– E a sua mulher tem alguns hábitos estranhos? Algumas manias?

– Muitas. Durante o namoro eu até achava bonitinho o jeito como ela comia somente as pontas dos pastéis e de como ela separava a cebolinha da salsinha no molho do espaguete e então descartava a cebolinha. Mas agora a coisa está fora de controle. Ela passou uma lista de compras com tantos detalhes que eu estou meio perdido, não sei o que comprar!

– Eu percebi o olhar atônito na frente dos produtos. Foi assim que descobri que sua mulher é uma MUAM, uma mulher de alta manutenção.

– O senhor pode me ajudar? Eu preciso de ajuda.

– Calma meu filho. Estou aqui para ajudar. Primeiro, precisamos definir que tipo de MUAM é a sua. Existem dois tipos básicos: as *de precisão* e as *falso-displicentes* ou de *baixa precisão*.

– Como descubro isso?

– Não é fácil porque, geralmente, as mulheres têm doses variadas dos dois tipos. Mas há alguns sinais. Você faz o café para ela?

– Sim, no sábado e no domingo.

– Ótimo. Como ela pede que você adoce?

– Adoçante à base de Stevia, dez gotas na xícara de 200 ml.

– Ela tem uma xícara graduada?

– Duas na verdade. Uma pequena até 200 ml para o café puro e uma grande de 400 ml para o café-com-leite.

– Sua mulher é uma MUAM de alta-precisão, com certeza. Uma MUAM falsa-displicente pediria o café em uma xícara média; não cheia, passando um pouco da metade; com um adoçante bom; não muito doce, mais para amargo do que para doce, mas sem que fique muito forte.

– Essa MUAM de baixa precisão parece tão flexível.

– Engano seu. Ela sabe exatamente o que quer e vai reclamar se você não seguir as instruções corretamente, embora ninguém, além dela, saiba quais são essas instruções.

– Certo. A minha mulher é de precisão. O que eu devo fazer?

– Com uma MUAM de precisão a melhor abordagem é pedir que ela mesma faça uma lista minuciosa de tudo que quer. Isso vai facilitar as compras e pode servir de prova de que você fez tudo certo.

– A sua esposa é de precisão também?

– Não... por isso eu nem tenho lista. Eu vou errar de qualquer jeito. Você nunca vai acertar o que uma MUAM de baixa precisão quer. Pelo menos não conscientemente. É como uma loteria. Deixa eu ver a sua lista.

– Ela ligou para mim no celular e passou a lista. Como eu estava com pressa, anotei meio por cima. Dá para entender?

– Vamos tentar. Humm!!! Leite. Procure se lembrar. Ela não deve ter dito somente “leite”. MUAMs de precisão não conseguem falar um substantivo sem sucedê-lo com pelo menos um adjetivo. Pense: Leite *com*... ou então leite *sem*...

– Ah, sim, lembrei... *sem lactose* e *sem gordura*.

– Viu, foi fácil. O que você procura é conhecido como “água branca”. Comercialmente chama-se “leite” deslactosado e desnatado. É no corredor dos laticínios mesmo. Se tiver mais de uma marca escolha a mais cara. As chances de acertar costumam ser diretamente proporcionais ao preço do produto. Que mais?

– Açúcar... mascavo. Café... descafeinado.

– Muito bem.

– E tem também bolacha sem... sem... acho que é sem bolachose? Existe isso?

– Ainda não, mas quem sabe o que vão inventar. Acho que ela quer biscoitos sem glúten. Leve aquele de arroz japonês integral ecológico, que é sem glúten, sem gordura hidrogenada, sem lactose e sem açúcar refinado. Ela vai adorar.

– Obrigado pela ajuda Lildio. Não sei como agradecer.

– Não foi nada, mas quero aproveitar para convidá-lo para o almoço mensal da AMAMUAM. Aqui está o convite, é só apresentar na portaria. Quero mostrar o funcionamento da nossa organização.

...

No dia marcado, ele chegou cedo e já encontrou o presidente Lildio recebendo os convidados.

– Que bom que você veio. Entre. Tenho muito para mostrar.

A sala estava lotada. Centenas de homens de terno comiam salgadinhos, bebiam vinho e cerveja e conversavam alegremente. O ambiente era descontraído, mas alguns convidados pareciam estar fazendo negócios.

– Isso não é somente uma festa. Decisões sérias são tomadas nos nossos almoços e jantares oficiais. A AMAMUAM é dona de diversas empresas do ramo alimentício e de pesquisa. Produzimos todo tipo de alimentos para mulheres de alta manutenção e outros que são destinados aos maridos dessas mulheres. Atualmente estamos desenvolvendo uma

espécie de peixe com sabor de picanha, cebola e alho desodorizados e cervejas que não deixam vestígios.

– Nunca imaginei que havia uma estrutura tão grande envolvida. Vocês devem faturar muito.

– Não se engane meu caro. Nós fazemos isso porque amamos nossas esposas. Seria muito mais fácil abandonar tudo e procurar mulheres mais flexíveis.

– Desculpe, não quis ofender. Quem fundou a Associação?

– Começou como um clube, o Clube dos Maridos de Mulheres de Alta Manutenção. Reuníamos-nos apenas para beber vodka e trocar queixas e lamentações. Com o tempo, descobrimos que podíamos compartilhar soluções e aprender uns com os outros. As reuniões passaram a ser mais objetivas e as coisas foram melhorando em casa. Em 1975, um sócio do clube, o popular “Toucinho”, trouxe um senhor bem vestido e com cara de desanimado para uma de nossas reuniões. Foi depois dessa visita que a nossa pequena agremiação deu um salto e transformou-se na potência que é hoje.

– Quem era ele?

– Não posso dizer o nome, mas ele tinha, e ainda tem, uma das maiores fortunas do país. Estava prestes a se separar da mulher, uma MUAM classe T...

– Classe T?

– T de tenebrosa. É o nível mais alto de mulheres de alta manutenção. Ela era tão detalhista que, mesmo com uma dezena de empregados a seu dispor, estava deixando

nosso amigo completamente louco. Ele estava desesperado, mas era completamente apaixonado pela mulher. E ainda havia o problema da partilha! Ele teria que entregar metade dos seus bens!

Lildio tomou um gole de cerveja e continuou.

– O nosso angustiado milionário prometeu doar dez por cento de sua fortuna para o clube se o ajudássemos a manter seu casamento. Também exigiu que mudássemos o nome para AMAMUAM, porque, no fundo, cada um de nós AMA a sua MUAM.

– E vocês conseguiram salvar o casamento?

– Foi uma das maiores vitórias da Associação. Usando nossos contatos empresariais e uma verba substancial, tornamos-nos mestres em logística. Trazíamos rapidamente, de qualquer parte do mundo, os produtos mais inusitados. Melancias da Ásia, pêras francesas, caviar russo. Tudo que a esposa do nosso amigo pediu durante três longos anos, nós entregamos. Até compramos uma pequena empresa de aviação para trazer, diretamente de Portugal, pasteizinhos de Santa Clara que chegavam aqui ainda quentes, em caixas térmicas especialmente fabricadas por um dos nossos associados.

– Três anos? Quer dizer que ela agora é uma mulher normal.

– Olhando de perto ninguém é normal. Você e eu, por exemplo, temos nosso lado de alta manutenção também. No caso dela, as coisas ficaram bem mais tranquilas. Hoje, até churrascaria ela frequenta. Claro que tem que ser uma churrascaria que sirva carnes de gado com certificado de

criação ecológica e abatido sem traumas, mas ainda assim é churrasco e o nosso benfeitor está muito feliz.

Lildio lançou um olhar grave e emendou.

– O problema é que nem sempre as coisas melhoram. Está vendo aquele senhor magro de cabelo amarelado?

– Sim. O que houve com ele?

– A mulher dele se tornou uma “OrnitoVegan”. Só come alimentos destinados a pássaros. Alpiste, painço, girassol, essas coisas.

– Isso é terrível! Como aconteceu?

– Ele tem um criatório de pássaros e a esposa era responsável pela alimentação das aves.

O pânico tomou conta de seu corpo. Lembrou-se dos dois canários belga e do curió premiado no festival de Florianópolis. Saiu do restaurante sem pedir licença e correu pela avenida. Subiu os seis andares pela escada porque o elevador demorava a chegar.

Encontrou a mulher de cócoras na frente das gaiolas. Ela olhou para ele e emitiu dois piados. Então cuspiu as cascas de algumas sementes no chão e ele soube que havia chegado tarde demais.

AS INDECISÕES DE CARLOS MANGABEIRA

Carlos Mangabeira era conhecido no local de trabalho por sua indecisão patológica. Analista de sistemas de uma grande empresa de desenvolvimento de *software*, sempre era designado a fazer pequenos consertos em aplicativos – serviço considerado “tarefa de estagiário” – porque invariavelmente travava ao se deparar com a necessidade de decidir por uma ou outra solução. Apesar de sua inteligência e habilidade serem acima da média, nunca chegava ao fim de uma tarefa. Permanecia na empresa por influência de seu tio, um dos fundadores e o principal acionista.

Naquela sexta-feira, Carlos Mangabeira havia perdido o último ônibus para o Rio de Janeiro porque ficara calculando se valia ou não a pena voltar para casa. Ilhado na pequena

Extrema, no interior de Minas Gerais, resolveu tirar proveito do infortúnio e participar da grandiosa Festa Nacional da Cebola de Extrema, a famosa FENABOLA.

Na praça exageradamente iluminada onde se desenrolava a festa, as pessoas passeavam entre as barracas de bebidas, comidas e jogos, numa típica festa de paróquia. Carlos Mangabeira chegou cedo ao local, ainda vestindo o terno cinza do trabalho, e foi sentar-se perto da barraca de cervejas.

Após alguns minutos de indecisão, resolveu que tomaria cerveja da marca patrocinadora da festa. Decisão nada complicada, afinal era a única que podia ser vendida naquela praça.

Por volta das 8 horas da noite, a movimentação aumentou bastante e um cheiro chamou a atenção de Carlos Mangabeira. Um odor que era mistura de perfume de boa qualidade com o agradável cheiro de suor pós-banho das mulheres jovens.

Virou-se na direção da igreja e viu três mocinhas perfiladas, em pé, como se estivessem numa vitrine: a loirinha no centro, a moreninha *mignon* à direita e a morena mais voluptuosa à esquerda.

Buscou na memória alguma imagem mais linda e não encontrou. Um poeta parnasiano as descreveria como “as três mais belas ninfas que a lua já iluminou”. E um tarado qualquer as chamaria de “as três cachorras mais gostosas, com as bundas mais suculentas do mundo”.

Mesmo para um homem seguro, escolher entre as três seria uma tarefa ingrata. Para Carlos Mangabeira, então, a

situação era desesperadora, com direito a tremores, palpitação e suor.

Em sua cabeça acostumada à lógica e à matemática, a abordagem tinha que ser certa. Tentar uma delas imediatamente inviabilizaria as outras duas. Qual escolher?

A loira era do tipo “extremamente gostosa” e se vestia como tal. A blusa decotada e curta deixava aparecer o colo e a barriguinha cuidadosamente bronzeados.

A morena da esquerda também era do tipo gostosa, mas se vestia com mais discrição, não tanto que o impedisse de vislumbrar a maravilha de belos seios e de uma bunda esculpida por Deus com um capricho especial.

A da direita, *mignon*, era de uma beleza intimidadora, cabelos pretos e longos e uma boca que faria um homem bancar o bobo durante horas só para vê-la sorrir. Sua aparência de menina provocava paixões à primeira vista, mas não era algo superficial, tinha uma beleza que se descobria aos poucos, sempre com detalhes a explorar.

Buscando forças na alma, Carlos Mangabeira pensou em sortear qual delas seria a sua escolhida. Na falta de um dado que permitisse uma solução direta pela sorte, usou uma moeda, não sem antes definir algumas regras: cara para loira, coroa para a morena e, depois, a vencedora e a moreninha, respectivamente. Mas, antes que pudesse arremessar a moeda, a loirinha e a morena foram assediadas por uma dupla de jovens desajeitados de olhar sonolento, provavelmente irmãos.

Resolvido o problema da escolha, Mangabeira encheu-se de coragem, a *mignon* era mesmo a mais bonita e parecia ser

mais simpática do que as outras duas. No entanto, a música que tocava era muito agitada; resolveu, então, esperar pela próxima – não sabia dançar direito e tinha medo de fazer papel ridículo.

Infelizmente, havia outros homens na festa que não se importavam em não saber dançar, e a bela moreninha foi gentilmente atropelada por um deles.

Não restou mais nada a fazer a não ser voltar para o hotel; e lá se foi o Carlos Mangabeira para mais uma seção de *self-sex*. Com certeza, homenagearia apenas uma das três moças, porque a sua autocrítica ferrenha o impedia de imaginar um grande bacanal. Mas qual?

Por volta das quatro horas da manhã, depois de levantar uma série de teorias sobre quem seria a moça ideal para essa noite mágica, Carlos Mangabeira finalmente desistiu. Tomou um banho gelado e deitou-se. Tentando decidir se comeria geleia ou presunto no café da manhã, adormeceu.

VASECTOMIA

Resolvi encerrar minha carreira de reprodutor de elite, após rápida e bem-sucedida atividade, e dedicar-me ao sexo apenas para fins lúdicos, apesar de estar consciente de que isso não é catolicamente correto.

A vasectomia, também conhecida como “grampear o pinto”, foi o método escolhido por ser definitiva e “quase indolor”.

No dia e hora marcados fui para o hospital a pé, conforme preconiza o *Manual do Macho Moderno*.

No hospital, o primeiro golpe na minha moral foi ter que usar um avental, um roupão e uns chinelos de tecido; e mais nada! O vento que sobe pelas pernas produz calafrios ao atingir as “partes”.

Já na sala de cirurgia, uma mulher, a quem não fui apresentado e muito menos paguei a cerveja regulamentar, passou uma máquina de tosquiar nos meus pelos e depois uma lâmina de barbear. Mantive a calma... sempre se deve manter a calma quando alguém tem uma lâmina a cinco centímetros de algo tão importante.

Depois da tricotomia, o cidadão fica algum tempo sobre a mesa de cirurgia, com frio, pelado e exposto. Pode ter sido impressão, mas juro que ouvi alguns muxoxos e comentários pouco profissionais vindos do corredor. Coisas do tipo “só isso?”; “nem precisava operar, não deve nem alcançar”. Mantive minha serenidade a muito custo.

Assim que o médico chegou, uma placa de metal foi colocada nas minhas costas e ele me explicou que era para que eu não levasse um choque quando queimasse os vasos com o cauterizador elétrico. Cara!!! Queimar vasos? Choque no saco? Não tinha certeza se o *Manual do Macho Moderno* mandava aguentar ou revidar. Na dúvida, pelado e com um monte de enfermeiras no corredor, aguntei.

A cirurgia em si é muito rápida e a gente sente algumas dores bem leves na hora da anestesia e do corte. Não dá para ver nada do que está sendo feito porque a enfermeira coloca um pano, mas a gente percebe que estão mexendo.

Quando terminou a cirurgia e o pano foi tirado, dei uma olhada para ver se estava tudo lá. Não é muito, mas é meu.

Na saída, o médico veio apertar a minha mão. Pensei em me esquivar e dizer: “Doutor, eu não sei onde o senhor estava com essa mão”, mas decidi que o momento não era apropriado para piadas infames.

No fim, apesar de alguns desconfortos e físgadas, saí com a minha dignidade intacta. Pelo menos, tanto quanto pode estar intacta a dignidade de um homem que caminha com as pernas abertas nas ruas do centro.

RECONCILIAÇÕES

– Rodion Românovitch Raskólnikov Silva! Francamente... Como é que você faz uma coisa dessas? – vociferou Marilléia quando chegaram ao apartamento novo, recém-mobiliado.

O casamento dos dois já saíra da fase de altos e baixos e estava entrando na fase de médio-caindo e médio-com-tendência-a-subir, que é caracterizada por conversas sobre amenidades e sexo semanal com hora e local marcados. Era a primeira vez que ele a ouvia pronunciar seu nome completo. Sentiu imediatamente que o episódio, fosse qual fosse, tinha sido gravíssimo. A convivência de 10 anos criara um código de perigo: quando ela o chamava de Rô ou Silva, estava tudo

tranquilo; se chamasse de Rodion ou Raskólnikov acendia a luz amarela; Rodion Raskólnikov já era para tragédias; o nome completo, teoricamente, para o Armagedon.

– O que foi?

– O que foi? O que foi?!!! O que você tem na cabeça? Falar em voz alta, num jantar na casa da presidente da empresa, que as baratas e os camarões pertencem à mesma família? Você não tem noção? Não viu a cascata de camarões na mesa? Você quer acabar com a minha carreira?

– Foi ela que perguntou sobre a classificação biológica do camarão. E eu não disse que eram da mesma família. Eu só quis dar um exemplo de como a diversidade da vida é interessante e comentei que as duas espécies pertencem ao filo Arthropoda, embora o camarão seja um crustáceo e a barata seja um inseto.

– Não podia ter comparado o camarão com um animal menos nojento? Não podia ser uma borboleta ou um caranguejo? Pelo menos não comparou com uma minhoca!

– Minhocas não são artrópodes, Léinha, são anelídeos da classe Oligoqueta.

– Não me interessa o que são minhocas! Na verdade, interessa sim. Preciso saber o que são minhocas para conviver com você. Seu cabeça de minhoca! Entenda uma coisa, Rodion Românovitch Raskólnikov Silva, não é porque você é um professor de entomologia que tem que dar explicações detalhadas sobre esses bichos nojentos. Tenha um pouco de bom senso, pelo amor de Deus!

– A culpa é sua, Marilléia-com-dois-eles-e-acento-agudo-no-éia – retrucou Rodion imitando a voz da esposa

quando tinha que dizer o nome para algum repórter — obrigá-
gar-me a ir a um jantar em que eu não conhecia ninguém.
Fiquei feliz de encontrar alguém interessado no que eu faço
e me empolguei. Acontece.

— Ela perguntou por educação! Por educação! Não
precisava despejar a enciclopédia em cima da mulher. Além
disso, a festa estava muito divertida, você que é um bicho
do mato e não consegue se enturmar com ninguém.

— Diferente de você, né, Marilléia, que passou a noite
toda de paparicos com aquele sujeito alto de terno. Eu vi
quando você mostrou a marca de bronzeado no ombro.
Precisa fazer isso pra se enturmar?

— Você está insinuando o quê? Aquele cara é o meu
chefe. Ele vai assumir a filial de Brasília. É o lugar dele
que eu quero. E você estragou tudo com esse seu orgulho
intelectualoide. A dona da casa ficou muito ofendida e é ela
quem decide quem vai ser promovido.

— Ah! Esse é o tal chefe ignorante e intragável. Pois
não parecia tão intragável para você ontem! Como é mesmo
o nome dele? Lembrei... É Teilor, não é?

— Vai falar de nomes agora? Rodion Raskólnikov é
mesmo muito bonito.

— Meu pai leu “Crime e castigo” direto do original
russo. E o pai do Teilor? Deve ter lido o quê? “Os quatro
gatinhos fofos”, numa edição ilustrada.

— Lá vem você de novo com esse orgulho bobo.
Raskólnikov é nome de ração para cachorro!

– Ah, é? Pois fique sabendo que Marilléia não tem mais acento pela nova ortografia.

Ela tentou dar-lhe um tapa, ele segurou seu braço a tempo. Depois abraçou-a e fizeram amor loucamente no sofá novo, ainda sem Scotchgard; e no tapete, sem se importar com as alergias de Marilléia.

Uma hora depois, a conversa já tinha outro tom.

– Poxa. Que legal a gente variar um pouco, né, amorzinho. Nunca tínhamos feito na sala.

– É verdade. Foi meio violento, mas muito bom. Sabe, Rô, tenho que falar pra você, mas não pode espalhar! O Teilor é gay. Ele elogiou meu bronzado e disse que queria ter uma pele igual. Por isso eu mostrei pra ele.

– Mesmo? E eu tenho que te dizer que o camarão e a barata são parentes, mas muito distantes.

– Ah, não. De novo esse assunto. Você não consegue se controlar?

– Qual é... Eu tinha que dizer alguma coisa.

– Não tinha não. Não precisava dizer nada. Você não consegue ficar quieto? Tem que estragar tudo sempre?

– Você é muito briguenta, Léinha.

– E você é um grosso. Quer saber? O Teilor não é gay. Ele é bi, tá! Gosta de mulher também.

– Eu sabia. E você quer saber? Além de parentes, a barata e o camarão são muito parecidos, com aquelas perninhas marrons. E outra coisa! Sabe com o que se pareciam os mariscos na mesa?

– Não se atreva, Rodion Raskólnikov! Você vai ver o quanto eu posso ficar braba!

– Léinha... antes de a gente continuar... Vamos discutir na sacada?

– Na sacada? Hummmm... Tá bom!

– Vou buscar um cobertor. Você quer um também?

– Quero sim, está frio lá fora.

– Já volto. Não esqueça que é a minha vez de te xingar.

MATEMÁTICA APLICADA I

Há algum tempo encontrei minha professora de português, do Ensino Médio, a professora Rosa, enquanto esperava pelo elevador no saguão de um prédio de consultórios médicos. Sempre gostei muito dela, um exemplo de professora: inteligente, bem humorada, boa didática e uma língua ferina.

No entanto, apesar da simpatia que nutro por ela e da quantidade de assuntos para pôr em dia depois de mais de 20 anos sem contato, a conversa não fluiu. Limitamo-nos a algumas amenidades; eu respondia praticamente com monossílabos. Terminamos com frases automatizadas do tipo “bom te ver”. Sequer trocamos endereços eletrônicos.

Esse encontro meio constrangedor me fez refletir, e chegar à conclusão de que tenho medo de conversar com professores de português. Diferentemente dos professores de geografia, história ou física, com quem você pode passar horas batendo papo e eles nem perceberem que você não lembra qual a capital da Austrália, o ano da Revolução Francesa ou a fórmula da aceleração, basta um par de frases trocadas com seu professor de português para que ele tenha uma boa noção da sua ignorância gramatical, e de quanto tempo ele desperdiçou com você.

No meu caso, os problemas com a linguagem têm origem na época escolar, quando tinha uma péssima percepção da utilidade da língua portuguesa na minha vida. É provável que eu tenha proferido a tradicional frase de adolescente indignado: “Onde é que eu vou usar concordância nominal?”

Como a matemática sempre me pareceu mais útil, minha relação com professores dessa matéria sempre foi mais tranquila, embora eu não me arrisque a perguntar “qual o andar?” a um deles, num elevador, por medo de receber uma resposta como “raiz cúbica de 729, por favor”.

Dos professores de matemática que tive, dois foram especiais: Cléa, na faculdade, e Alcioneo, no “segundo grau”. Cléa tinha um jeito simpático de dizer, com um sorriso no rosto e uma frase espirituosa, que devíamos começar tudo novamente porque estava tudo errado. Já o Alcioneo era um sujeito apaixonado por números e fórmulas. Lembro que ele sempre afirmava categoricamente que toda fórmula matemática tem uso prático e, para nos incentivar a estudar a parte mais complexa, chegou a aventar a possibilidade

de existirem mulheres apaixonadas por matemáticos mal vestidos, viciados em cálculo numérico.

Deixando de lado os bons professores que tive e voltando à matemática aplicada, tenho que confessar que sou um usuário assíduo apenas da parte mais simples: quatro operações, porcentagens e proporções. Já a trigonometria, os logaritmos e as matrizes, por exemplo, me parecem coisa de engenheiro e nunca tiveram nenhuma aplicação no meu dia-a-dia.

Outro assunto da matemática que me parecia quase sem aplicação era o cálculo de área e volume. Digo “parecia”, porque há alguns dias, numa sexta-feira, deparei-me com uma questão absolutamente crucial que envolvia o cálculo de área de um círculo. A dúvida terrível: o que é mais econômico, duas pizzas médias de 30 cm de diâmetro por R\$ 34,00 ou uma pizza família de 46 cm de diâmetro por R\$ 27,50?

Para um adolescente preparando-se para o vestibular nem é um problema muito complexo: basta calcular a área das pizzas e dividir pelo preço para obter o custo por centímetro quadrado. Para mim, no entanto, foi um desafio. Como a minha matemática estava meio enferrujada, de cara, peguei a fórmula errada. Achei que o cálculo da área de uma circunferência era feito usando-se a tradicional fórmula da dupla sertaneja francesa Pierre e Pierre ou “2 Pi erre” ou ainda $2\pi r$. Onde 2 é dois mesmo, o dobro de um; Pi é a letra grega e vale 3,14 algumacoisa e “r” é o raio do círculo que é a metade do diâmetro da pizza. Grande engano! Essa fórmula é a que calcula a circunferência e não a área.

Após algumas tentativas, percebi que estava usando a fórmula errada porque os resultados mantinham-se proporcionais ao diâmetro da pizza. Usando a fórmula dos dois Pierres em uma pizza de 60 cm, obtive como resultado o dobro do valor de uma de 30 cm. No entanto, eu tenho certeza que a área de um círculo de 60 cm de diâmetro é muito maior que o dobro de uma de 30 cm. Qualquer pessoa que já tenha feito uma pizza sabe que as trilhas mais próximas do centro da massa exigem menos fatias de calabresa que as trilhas mais externas. Você começa cobrindo as trilhas próximas do centro com quatro fatias de calabresa e a trilha seguinte já vai ter pelo menos doze fatias. A conclusão é que a área das trilhas mais externas é maior que a das internas, ainda que elas tenham a mesma largura.

Com a ajuda do meu filho, que me disponibilizou 5 minutos de seu precioso tempo de videogame, consegui a fórmula correta: “Pierre ao quadrado” ou π multiplicado pelo raio elevado ao quadrado.

Com a fórmula correta, os preços e os diâmetros das pizzas, faltava apenas resolver um dilema filosófico: onde começa e onde termina uma pizza? Ou, mais especificamente: borda é pizza?

Não se trata de uma questão sem importância. Há defensores apaixonados pela borda (sic), que a consideram parte essencial da pizza; e terríveis inimigos que dizem tratar-se de mero desperdício de boa massa. A minha convicção é de que uma pizza começa e termina onde tem cobertura (ou recheio como alguns preferem). Os puristas podem chiar, mas eu afirmo: borda não é pizza! Prova disso é que

as pizzarias inventaram uma abominação chamada borda recheada para tentar aproveitar esse centímetro de aro inútil em toda a circunferência da massa. Se você pede uma pizza com borda recheada recebe um pedaço da massa cheio de requeijão ou de uma pasta laranja apelidada de “queijo” cheddar. O problema é que, ao dobrar a massa e enchê-la de uma pasta que tem que ficar na geladeira, a borda precisa de mais tempo para assar. Esperar a borda assar significa queimar o restante da pizza. Assim, além de inútil, a borda passou a ser também crua.

Para completar a minha lista de queixas contra a borda recheada, tenho que dizer que ela é muito cara. Não vou entrar no detalhe do cálculo de volume de um recipiente toroidal, que é o método usado para definir a quantidade de catupiry ou de cheddar necessária para preencher uma borda de pizza, mas posso garantir que os três reais que cobram pela borda é suficiente para rechear pelo menos sete bordas de pizza.

Por isso, na minha opinião, é preciso excluir as bordas do cálculo da área de pizzas. Isso representa uma redução de pelo menos 2 cm no diâmetro.

Vamos aos cálculos.

Pizza de 30 cm, diâmetro útil de 28 cm (tirando os 2 cm da borda) e raio de 14 cm: $3,14 * (14)^2 = 615,44$ centímetros quadrados de pizza “útil”. São duas pizzas, o que dá $1.230,88 \text{ cm}^2$ a R\$ 34,00 ou R\$ 0,0276 por centímetro quadrado.

Já a pizza de 46 cm tem diâmetro útil de 44 cm e raio de 22 cm: $3,14 * (22)^2 = 1.519,76$ centímetros quadrados

de pizza “útil”. A R\$ 27,50, são R\$ 0,0181 por centímetro quadrado.

Portanto, ao contrário do que pode parecer, uma pizza de 46 cm tem uma área comestível maior do que duas pizzas de 30 cm e ainda é mais barata.

No primeiro momento, imaginei que essa pizzaria em especial definia os preços usando apenas o tamanho da pizza como parâmetro, mas após alguns telefonemas constatei que a maioria dos estabelecimentos usa esse método. Isso faz as pizzas pequenas ficarem muito caras.

Concluindo, embora os cálculos possam ser um pouco complexos, podemos dizer que: geralmente, pizzas maiores são mais econômicas; uma pizza de 60 cm é muito maior que duas de 30 cm; o professor Alcioneo tinha alguma razão, pelo menos na parte de cálculos. Quanto às mulheres taradas por matemáticos, a realidade parece desmenti-lo.

Pode parecer uma descoberta simplória, mas essa surpreendente utilidade prática para a matemática me empolgou. Agora estou pesquisando empiricamente o uso de logaritmos e sua relação com a musse de chocolate e sobre como aplicar os números complexos em lasanhas e vinhos tintos. Aguardem os relatórios.

CURTAS E GROSSAS

Paradigmas

Vocês já devem ter notado que nos dias atuais todo mundo quebra paradigmas.

Qual o problema dos paradigmas? São muito frágeis? Vêm embalados em recipientes inadequados? Falta cuidado a quem os manuseia? São produzidos com material de baixa qualidade? E, afinal de contas, que merda é um paradigma?

Eu, pessoalmente, nunca vi um paradigma. Sempre que chego a uma palestra ou apresentação recebo a notícia de que ele já foi quebrado.

- Posso ver os caquinhos? Não? Como assim não tem cacos? O que vocês estão escondendo?

O mais estranho é que as pessoas se orgulham de quebrar paradigmas tanto quanto se orgulham de quebrar recordes.

Pensando bem, também nunca vi um recorde!

Deve haver uma conspiração em andamento. Quebradores profissionais de paradigmas e recordes estão omitindo informações essenciais do resto da população, provavelmente com a ajuda de órgãos governamentais secretos.

Vamos acabar com essa pouca-vergonha. Se você tiver uma foto de um paradigma ou de um recorde, mesmo que já quebrado, favor enviar para mbarbiero@hotmail.com. Garantimos sigilo da fonte.

Pecados

As salas do céu estavam tão vazias que o coro dos anjos fazia eco. Enquanto isso, no inferno, a superlotação exigia verdadeiros malabarismos para garantir a qualidade de vida dos pecadores. Faltava enxofre e brasas, e os demônios já improvisavam ferramentas de tortura usando talheres.

Uma reunião foi marcada e o diabo convocado com urgência. Nessa reunião, ele foi avisado que a partir daquele momento apenas um dos sete pecados capitais condenaria os humanos ao inferno. Os outros seis pecados seriam perdoados administrativamente, mas os humanos não deveriam ser informados disso. Em troca da perda de seis pecados o

diabo ganharia o direito de tirar férias em uma praia que não fosse no Rio Grande do Sul e também teria o direito de escolher qual pecado carimbaria a passagem para o inferno.

Grande negócio fez o diabo. Escolheu a vaidade como único motivo para a danação e, além de poder sair do litoral gaúcho nas férias, não perdeu um só cliente. Foi somente depois desse episódio que a assessoria celestial descobriu que a vaidade era a mãe de todos os pecados.

Como os salões divinos continuam vazios e o inferno continua abarrotado, uma nova reunião com o diabo será convocada ainda nesse século. Os prognósticos são de que, nessa reunião, o diabo consiga autorização para morar numa praia do nordeste e que o destino dos pecadores passe a ser decidido no cara-ou-coroa mesmo.

Arrogância

Uma piada curta para demonstrar a arrogância humana.

Um funcionário de uma empresa petrolífera analisou o petróleo que saía de um poço recém-aberto e descobriu que se tratava de um óleo muito novo, não completamente formado e de baixo valor comercial. Sem pestanejar lacrou o poço, retirou uma caneta do bolso e escreveu numa etiqueta de papel:

Propriedade da Inhandava S.A.

Data – 21/01/2010

BOM PARA DAQUI A 2 MILHÕES DE ANOS.

Vespertinos

Vejam o que escreveu o sábio poeta alemão Friedrich von Logau:

A boa dieta

“Carlota dissera ao seu doutor
Que lhe agradava, de manhã, fazer amor,
Embora à noite a coisa fosse mais sadia.
Sendo ela prudente, resolveu
Fazê-lo duas vezes ao dia:
De manhã, por prazer
De noite, por dever.”

O bom poeta e a Carlota, apressados que eram, acabaram por negligenciar os amores das tardes preguiçosas, o “amor vespertino”, que é o amor das terças-feiras à tarde, quentes ou chuvosas, das surpresas, dos estudantes e dos folgados.

Ao contrário dos amores ordinários, ele não é precedido de entradas, pratos principais, vinhos e sobremesas e depois dele não se fala em sentimentos ou futuro.

À tarde, tudo que os amantes precisam é de um sanduíche de presunto e um suco de caixa. E quanto ao futuro e aos sentimentos, eles são dispensáveis entre as 13h30 e as 18h.

Isso pode soar como o paraíso, mas essas aventuras fugazes não oferecem um porto seguro, não enriquecem o viver, são apenas um exercício de puro prazer sem nenhuma responsabilidade...Ahh! Que inveja!

CRISE DE MEIA IDADE - FASE 1

Não sei bem como funciona esse negócio de enredo de escola de samba, mas tenho uma teoria. Acho que um carnavalesco é contratado pela escola e jogado em um grande salão cheio de coisas brilhantes e coloridas. Ele fica trancado ali por quinze dias, alimentando-se de frutas exóticas e leite de cabra das montanhas e, ao sair entrega seus esboços para o pessoal da produção, que começa imediatamente o trabalho de construção.

Tudo concluído, uma comissão é chamada para avaliar o resultado:

– Humm! Viagem de Cabral ao Brasil, dinossauros dourados, caracóis gigantes pintados de rosa, pas-

sistas com chapéu em forma de foguete!??? Chamem o Juremir!

Juremir é um roteirista experiente capaz de costurar os mais absurdos delírios e criar um enredo que, pelo menos, dê para engolir. Nesse momento, tão perto do desfile, já não existe tempo para corrigir tudo e fazer algo consistente. Então, é preciso justificar o que está pronto.

Se você pensar bem, o trabalho do Juremir nem é muito difícil. O que as pessoas querem ver no desfile são carros alegóricos brilhantes, mulatas seminuas - se possível, nuas - modelos e atrizes siliconadas. Só é preciso apresentar uma tênue ligação entre os componentes, para os locutores da TV terem o que falar, e pronto; está tudo no seu lugar, o carnavalesco é um gênio e o desfile foi lindo.

O homem que entra na crise da meia idade encontra um ambiente parecido com o encontrado pelo presidente da escola de samba. Quase tudo já foi definido: profissão, amores, filhos, time de futebol. Tudo pronto. Claro que ainda dá para mudar um monte de coisas, mas e a vontade? Cadê a energia para recomeçar?

Essa é a fase um, quando o cidadão na meia idade se pergunta sobre cada escolha feita, cada detalhe, cada caminho seguido. Nesse caso, o que incomoda é que ainda resta uma autocrítica feroz. As explicações parecem forçadas e as conexões ridículas. Não há como justificar essa ou aquela escolha sem primeiro anestesiar a cons-

ciência e a vaidade. Por que uma minivan e não um sedan vermelho? Por que não cuidei melhor dos dentes? Por que não saí do país?

Na segunda fase da crise, quando aparecem as moças nuas, os carros brilhantes, os cursos de degustação de vinho e as motos estradeiras, fica muito mais fácil digerir as coisas, mas quando se está no comecinho dela, nem o Juremir ajuda.

NOTAS DE FIM

- ¹ *Mein Buch*. Lembro de ter lido que um bom livro tem que ter, pelo menos, uma citação em alemão. Mein Buch significa “meu livro”.
- ² Esses crimes aconteceram em Porto Alegre em 1863-64. Foram pelo menos quatro vítimas, incluindo Carlos Klaussner, antigo dono do açougue, um cachorrinho preto e um garoto de 14 anos, todos encontrados no porão da casa do casal José Ramos e Catharina Palse, donos do açougue da Rua do Arvoredo. Um dos cadáveres havia sido retalhado, tendo cabeça e membros separados do corpo.
- ³ A Teoria de Kuduns foi idealizada pelo amigo Ideraldo André a quem agradeço em especial.

Aprendi com Wilson Martins, uma das individualidades mais representativas da crítica brasileira de todos os tempos, que basta ler as primeiras páginas de um livro para saber se o autor tem ou não talento. É conhecimento que se adquire ao longo do tempo, mormente, convivendo com os escritores canônicos da língua em que, de ordinário, nos expressamos.

A mim, bastou-me ler *Mein Buch*, o texto inicial desta obra, para reconhecer um promissor iniciante no gênero elevado às culminâncias por Machado de Assis. Nosso autor tem o espírito que dá vida à crônica, um certo humor inato, não o humorismo sardônico, muito menos o humor negro, mas aquele à inglesa, comum aos clássicos maiores da língua de Shakespeare.

Mein Buch é bem mais do que uma autoapresentação metalinguística de Marco Aurélio Barbiero. É uma confissão. Ali, parafraseando a lição moral do famoso conto infantil, *O autor está nu*.

A linguagem de *Escolhedores de sagu*, como a dos bons contadores de causos, flui suave, coloquialmente. E nisto, apenas nisto, desnudamos o autor iniciante. Kronos – e somente Kronos –, de onde nos vem crônica, encarregar-se-á de transformar Marco Aurélio Barbiero no estilista, que já se anuncia em seu primeiro livro.

Paulo Monteiro

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras



ISBN 978-89769-83-9

www.meritos.com.br